

Educação, mulheres e tarô

Renata Sieiro Fernandes *

Resumen: O texto trata do tema do feminino relacionado a figuras arquetípicas do tarô, dos arcanos superiores. Para tanto, usa-se de literatura e imagens artístico-poéticas que retratam o feminino e são de autoria, especialmente, de mulheres. Pelo foco do feminino aborda-se também o campo da educação, a experiência e o aprender.

Palabras clave: Educação, mulheres, tarô, sabedoria antiga, feminino.

Abstract: The text deals with the theme of the feminine related to archetypal figures of the tarot, of the upper arcana. For that, it uses literature and artistic-poetic images that portray the feminine and are authored, especially, of women. The focus of the feminine also addresses the field of education, experience and learning.

Keywords: Education, women, tarot, ancient wisdom, female.

Chego em casa. Me recolho. Respiro. Mentalizo.

Abro o retângulo de pano cor de palha, de tecido algodão, ganhado de uma amiga.

Junto as cartas. Embaralho-as.

Fecho os olhos.

Recobro o dia de hoje e os últimos da semana. Evoco e seleciono lembranças, pensamentos.

Abro o retângulo branco de papel.

Descerro os olhos.

Escrevo.

Um filme visto por estes dias conta que ninguém ensina nada a ninguém, que a gente mostra o que sabe e o outro aprende o que quer, o que pode e como pode. Para só, então, ser possível dizer que algo aconteceu. Aprender e conhecer.

Se à gente cabe mostrar o que sabe, é importante pensar na ideia bastante comum de que é professor aquele que lida com a Educação, aquele que sabe para onde se deve ir, aonde se deve chegar, ao que se chama de objetivo ou meta e, ainda, que sabe o caminho e os meios para se levar alguém até lá, já que ele é quem conduz e a esse processo denominam didática.

Como pensar que existe um lugar a se chegar e que somos nós os conhecedores dele? Como pensar que temos que levar as pessoas para este lugar, sendo que cada um é diferente do outro, com sonhos, desejos e necessidades diversos e que só nós é que podemos fazer nosso percurso de vida? E por que entendemos que aqueles que fazem outras escolhas são os que escapam, se desgarram no caminho? Pensamos que fazem desvios ou atalhos para outros lugares tão ou mais bacanas e interessantes como aqueles que supomos ser o melhor? Conseguimos pensar que o objetivo acaba

* Pedagoga, mestre, doutora e pós-doutora em Educação pela UNICAMP. Docente do Programa de Mestrado em Educação e do curso de Pedagogia do UNISAL, Americana-SP, campus Maria Auxiliadora. Email: renata.fernandes@am.unisal.br.

sendo aonde se chega e, portanto, ele não é um alvo a ser atingido? Cogitamos pensar e aceitar que o vento nos leve até onde for (im)possível?

Conseguimos pensar que a vida é ensaio e experimentação e não um rascunho pré-escrito que deve ser passado a limpo? Se pensamos assim da vida, como pensamos e fazemos Educação? E como fazer uma Educação por mulheres, já que somos muitas a ocupar esse lugar? O que de peculiar pode haver nisso em uma lógica predominantemente oriunda do patriarcado e seus mitos de origem?

Se somos nós os conhecedores desse caminho nos assemelhamos a imagem masculina do Messias e isso não é, de certa forma, presunção e ego? Mas se pensarmos que estamos neste rio chamado tempo e nesta casa chamada terra, como diz o poeta Mia Couto (2011), para sermos o melhor que pudermos ser, e que se formos inspiração e motivação para alguns, para muitos ou para um, é essa a nossa contribuição e responsabilidade para com o mundo? Seria esta uma possibilidade de instaurar outra lógica, matrística, em que o emocional diferiria daquele que prevalece e se impõe?

Teremos que conhecer em nós o que toca, o que chama, o que emociona para, na relação, nos humanizarmos e cuidarmos uns dos outros com o amor que é a centelha divina.

Abrir mão da vontade de nos dispormos a “fabricar” alguém para operar com as condições que permitam ao outro “fazer-se obra a si mesmo”, como diz Philippe Meirieu (1998) em seu livro “Frankenstein educador”.

Vem-me a memória uma cena recente e tocante e que mostra que habita este mundo os que se interessam e se ocupam com quem cruza caminhos e nos escolhe ainda que pelo tempo de uma duração.

De dentro de um boteco, com um prato de acarajé nas mãos, vejo uma mulher chegando, no escuro da noite, cambaleando em suas pernas pelo excesso de bebida alcoólica.

Ela pára em frente ao boteco e não sobe os degraus da escada. De onde estava, olha para dentro do recinto e chama a garçonete que vai até ela e lhe dá atenção.

A mulher pede para falar com a dona do boteco, que estava sentada e conversando com outra pessoa em uma das mesas. Ao ser avisada do pedido, a Tonha interrompe a conversa e vai em direção à mulher que já está sentada na calçada.

A mulher pede para que ela desça, pois não quer subir as escadas. A Tonha desce e vai até ela. Se interessa por ela.

Ao vê-la alcoolizada, aconselha-a a mudar de vida, relembra-a que tem filhas, que é bonita, diz que ela precisa se cuidar, não se deixar apanhar do marido, entrar em tratamento, arrumar um trabalho, pois que há uma vida esperando-a. Diz isso para alguém que, talvez, não pense que há outra vida pela frente. Que esta é a vida.

A mulher se levanta com dificuldade e abraça a Tonha que retribui o abraço. E pergunta-lhe o que ela quer e precisa. A mulher responde que quer comida. Então, a Tonha diz a ela para subir, escolher um lugar no salão do boteco e aguardar.

A mulher sobe com dificuldade e senta-se à minha frente. Ali aguarda.

A garçonete vai até a mesa, coloca um prato, talheres, copo e guardanapo e serve a mulher com a comida e a bebida que a casa tem, não lhe entrega um marmitec em laminado prateado na calçada.

Aquela mulher come com dificuldade, pois tem um talho no lábio dado pelo marido violento e que não conhece as mulheres, porque teme-as. Ao término do jantar, agradece dizendo que a comida estava ótima e faz um sinal de positivo.

Recolhe suas poucas coisas e sai, descendo devagar as escadas.

Eu olho para a garçonete e juntas começamos a chorar. Eu aqui. Ela lá. Ela se aproxima de mim e eu lhe digo: vocês a trataram com humanidade, olharam e viram nela o ser humano que ela é. E ela me responde: é para isso que estamos nesta terra, para ajudarmos umas as outras. E eu penso: que sejam muitos esses seres e que povoem o mundo e que possamos contribuir para que eles afluam e existam.

Respiro novamente. Abro os olhos
Parto o baralho e retiro 5 cartas retangulares.

Busco o outro baralho e identifico lá essas 5 cartas circulares.

Não de qualquer baralho de tarot, mas de dois feitos por mulheres, inspiradas no feminino, na magia, no emocional matristico. Um feito com colagens, por Elisa Riemer (2017). Outro feito com desenhos, por Karen Vogel e Vicki Noble (1983).

Aproximo as cartas, emparelho-as.

Espalho-as pelo tecido.

Leio-as com o que temos de sabedoria antiga e ancestral. Elas nos ajudam a pensar sobre nós ao nos apresentarem imagens arquetípicas que coletivizam e que carregamos no íntimo.

Imagem 1

Carta da Maga



Imagem 2
Carta da Força

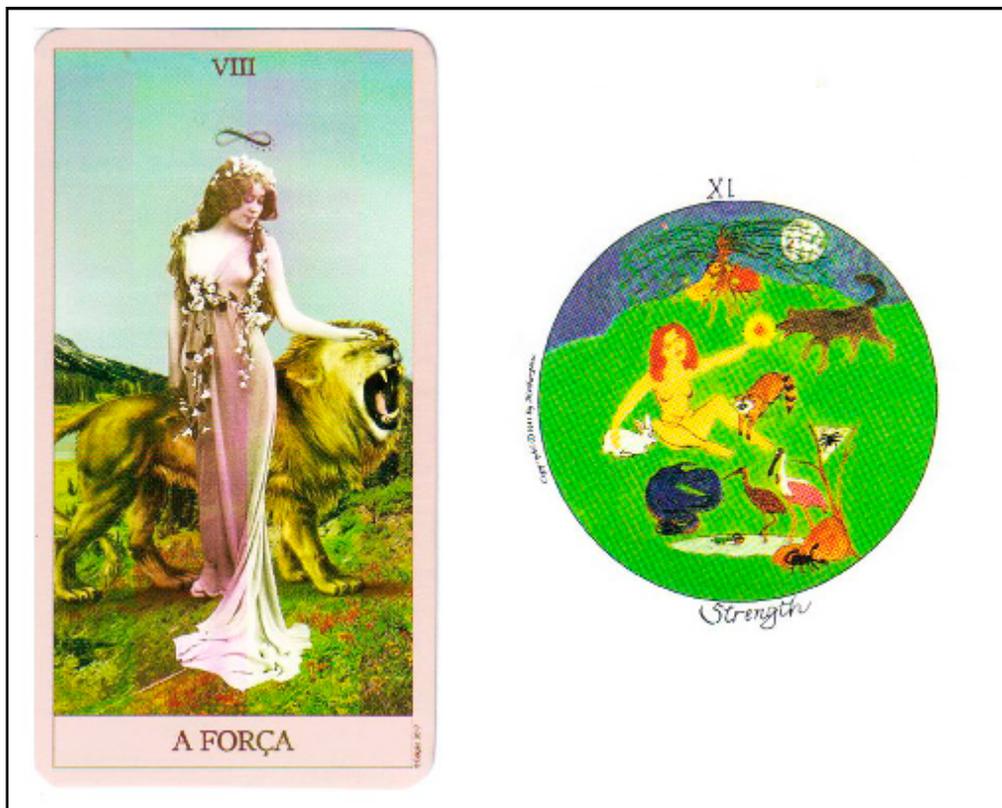


Imagem 3
Carta da Morte

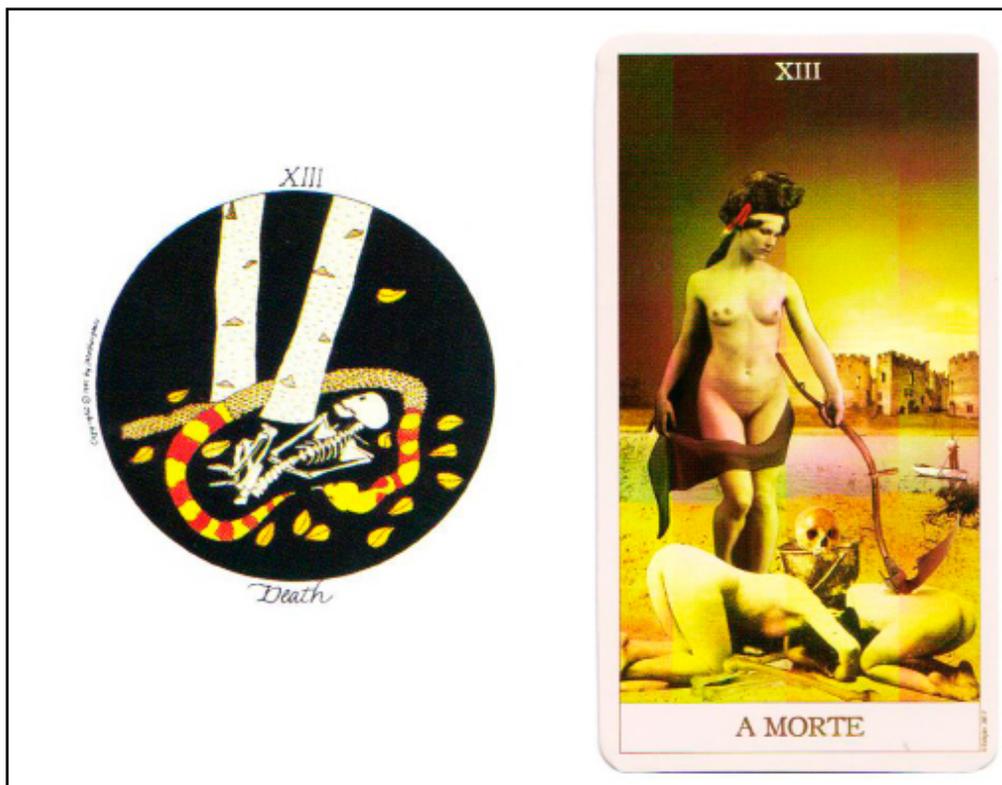


Imagem 4
Carta da Sacerdotisa



Imagem 5
Carta da Temperança



A primeira é a carta da Maga, a que cura as feridas, a que sana os males e as enfermidades, a que faz os partos e traz vida à luz, a que encaminha os que devem ir de volta para o divino, para o todo que recomeça. Com a faca, abre caminhos. Com a taça-útero, recolhe e abriga o que precisa de tempo para gestar e renascer.

A segunda é a carta da Força, aquela que sabe, que tem a experiência dos anos, porque viveu e se deixou permear pelas vivências, com presença e entrega, que aprendeu com os erros, que tem humildade e calma. Que caminha entre feras e seres selvagens como uma também.

A terceira é a carta da Morte, que leva o que não é mais preciso, que transforma em luz o que toca, que faz a transmutação para o renascimento. Com a foice, ceifa o que já teve seu tempo. Entre os ossos, canta para reanimá-los.

A quarta é a carta da Sacerdotisa, a que intui, a que é sábia e amorosa, que tem a força propulsora da criação e da recriação, que alimenta a perseverança, a crença e a fé. Entre colunas de sustentação e equilíbrio e sentada, a espera do que foi entregue, confiante.

E a quinta é a carta da Temperança, a que pelo fluxo da água, com os pés aterrados e movimento ascendente, alado, condensa os elementos, purifica e regenera.

Recolho cada carta, que se junta ao conjunto de cada tarot.

Dobro o tecido.

E me ressoa e repercute a leitura anterior, de Eduardo Galeano:

Um homem da aldeia de Negu, no litoral da Colômbia, conseguiu subir aos céus. Quando voltou, contou que tinha contemplado, lá do alto, a vida humana. E disse que somos um mar de fogueirinhas. —O mundo é isso— revelou— Um montão de gente, um mar de fogueirinhas. Cada pessoa brilha com luz própria entre todas as outras. Não existem duas fogueiras iguais. Existem fogueiras grandes e fogueiras pequenas e fogueiras de todas as cores. Existe gente de fogo sereno, que nem percebe o vento, e gente de fogo louco, que enche o ar de chispas. Alguns fogos bobos, não alumiam nem queimam; mas outros incendeiam a vida com tamanha vontade que é impossível olhar para eles sem pestanejar e quem chegar perto pega fogo. (Galeano, 2002: 11)

Que possamos aprender a ser labaredas e combustível para as nossas e as fogueiras dos outros em nossa estadia e travessia. Que o calor do feminino, de nós mulheres, contague e multiplique-se.

Tomo o papel retângulo, branco preenchido de pontos pretos.

Abro a janela. Liberto-o com o vento.

Ele se vai.

Observo. Acompanho. Desaparece.



Bibliografía

- COUTO, M. (2011). *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. São Paulo: Companhia das Letras.
- GALEANO, E. (2002). *O livro dos abraços*. Porto Alegre: L&PM.
- MEIRIEU, P. (1998). *Frankenstein educador*. Barcelona: Laertes Psicopedagogia.
- RIEMER, E. (2017). *Nosotras tarot. O infinito mundo onírico. Uma jornada ao útero cósmico*. Brasil.
- VOGEL, K. y NOBLE, V. (1983). *Motherpeace. Round tarot*, USA.